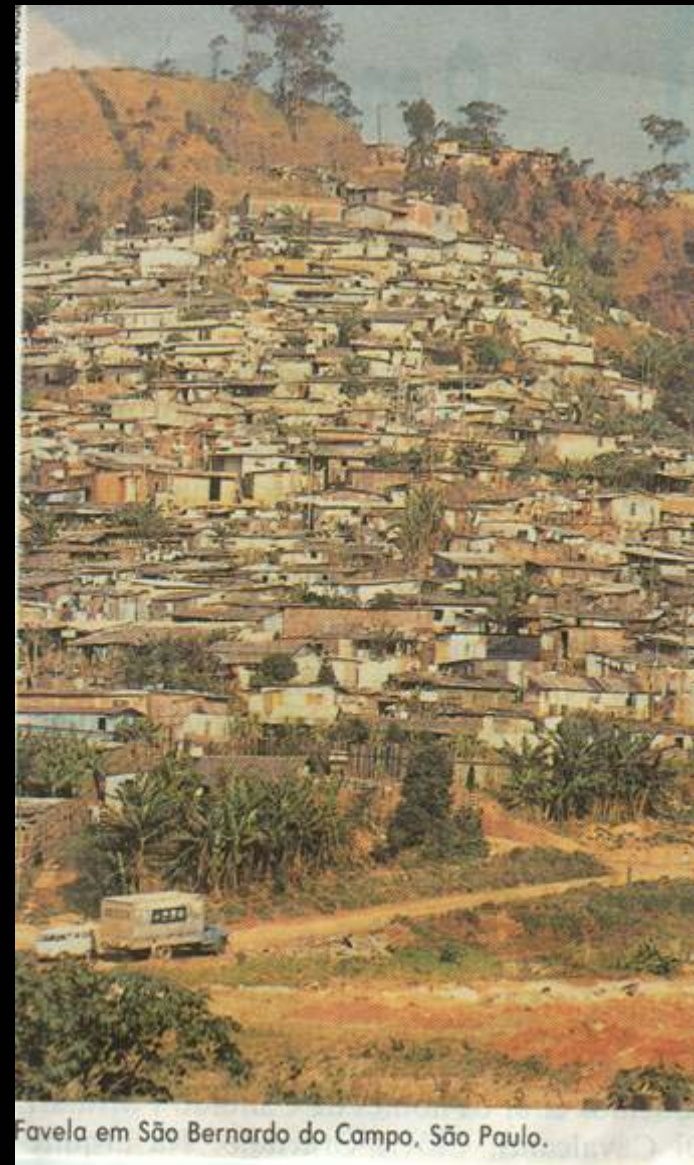


**MORADIA
SOCIAL**

X

**CAPITALISMO
INDUSTRIAL**

Mestranda: Márcia Regina Laner
Prof. Dra.: Sônia Afonso
ARQ1202 – Urbanização de Encostas e
Análises Data: Ago/2005



Favela em São Bernardo do Campo, São Paulo.

Foto: Manoel Novaes
Cap. 18 – O Brasil Atual

História da Moradia



Friedrich Engels e Karl Marx

Segundo Engels a crise da moradia tem a sua estrutura no Capitalismo.

idol.union.edu/~micklasc/

Foram os primeiros a demonstrar que a classe operária e suas reivindicações são um produto do regime econômico atual.



Friedrich Engels faleceu em Londres a 5 de agosto(24 de julho) de 1895. A seguir ao amigo Karl Marx (que morreu em 1883), Engels foi o mais notável sábio e mestre do proletariado contemporâneo em todo o mundo civilizado.

Marx e Engels foram os primeiros a demonstrar que a classe operária e suas reivindicações são um produto necessário do regime econômico atual, que juntamente com a burguesia, cria e organiza inevitavelmente o proletariado; demonstraram que não são as tentativas bem intencionadas dos homens de coração generoso que libertarão a humanidade dos males que hoje a esmagam, mas a luta de classe do proletariado organizado. Marx e Engels foram os primeiros a explicar, nas suas obras científicas, que o socialismo não é uma invenção de sonhadores, mas o objetivo final e o resultado necessário do desenvolvimento das forças produtivas da sociedade atual. Eles eram materialistas; partindo de uma concepção materialista do mundo e da humanidade, verificaram que, tal como todos os fenômenos da natureza têm causas materiais, igualmente o desenvolvimento das forças produtivas dependem as relações que se estabelecem entre os homens no processo de produção dos objetos necessários à satisfação das necessidades humanas.

Finalmente, a maior parte dos socialistas e os amigos da classe operária, não viam no proletariado senão uma “ *chaga*” e cujo o crescimento assistiam com horror, a medida que a indústria se desenvolvia. Por isso todos procuravam o modo de parar o desenvolvimento da indústria e do proletariado, parar a “ roda da história”. Contrariamente ao temor geral ante o desenvolvimento do proletariado, Marx e Engels punham todas as suas esperanças no contínuo crescimento numérico deste. Quanto mais proletários houvesse, maior fosse sua força como classe revolucionária, mais próximo possível estaria o socialismo. Os serviços prestados por Marx e Engels à classe operária foi ensinaram a conhecer-se e a tomar consciência de si mesma e que substituíram os sonhos pela ciência.

Fonte: N. Negrássov

História da Moradia

Durante a segunda metade do século XIX, momentos de intensas transformações econômicas e urbanas impulsionadas pelo desenvolvimento industrial, transformaram a sociedade. A grande indústria nasce e prospera, ao mesmo tempo que entra em decadência o complexo manufatureiro rural no qual a família camponesa produzia mercadorias, mantendo, ainda, parte da economia de subsistência.

Para Engels, os trabalhadores, em número considerável, estavam no campo produzindo a domicílio; já havia ocorrido a subordinação do trabalho ao capital, mas apenas no aspecto formal; os trabalhadores continuavam proprietários dos instrumentos de trabalho, mantendo o controle sobre seu tempo de trabalho e sobretudo, ligados a uma economia de subsistência, o salário era apenas um meio de completar o consumo das famílias trabalhadoras, pois a maioria dos bens necessários à sobrevivência era auto-produzida. Neste momento da história, a posse pelos trabalhadores de sua moradia associada a um campo de cultivo gerava dois efeitos: de um lado, permitia aos capitalistas uma exploração maior da força de trabalho, já que os custos de alimentação e moradia eram garantidos pelos próprios trabalhadores, deixando de constar no cálculo do salário; mas por outro lado, os trabalhadores ficavam menos vulneráveis aos constantes movimentos cíclicos de estagnação e expansão da economia, na medida em que nos momentos de crises estavam garantidas à família trabalhadora condições mínimas de sobrevivência (casa e alimentação).

Com a destruição da manufatura rural e a proletarianização do camponês, a defesa da difusão da propriedade assumiria aos olhos de Engels uma conotação conservadora.

A crise da moradia ao modo de produção, ou seja, que a penúria de habitações é fruto dos baixos salários e da instabilidade no emprego. A relação entre a exploração do trabalho, a carência e a precariedade habitacional não é direta, mas mediatizada pelos mercados de terras e imobiliário. Embora as relações capitalistas de produção determinem as condições de vida da classe trabalhadora, o consumo habitacional será fortemente influenciado pelo modo de funcionamento do mercado de terras e de moradias. É a dinâmica destes mercados, a partir de uma determinada estrutura de distribuição de riqueza, que estabelecerá os padrões de consumo habitacional.

História da Moradia

Êxodo Rural

Conjuntos Habitacionais

Conjuntos Habitacionais



CRISE DA MORADIA



www.vivafavela.com.br

A questão de moradia emerge, portanto, numa conjuntura marcada por grandes transformações. A manufatura rural é destruída e a grande indústria se desenvolve, gerando, de um lado um intenso fluxo migratório e de outro a criação de uma grande quantidade de empregos nas cidades. Torna-se necessária a implantação de um novo sistema de comercialização, condizente com as exigências de uma produção contínua e em grande escala, através da construção de grandes lojas comerciais. A emergência da grande indústria produzirá um intenso processo de renovação urbana, realizado tanto pelas próprias empresas quanto pelo Estado.

A grande massa de proletários criada pela grande indústria irá procurar as moradias no centro da cidade onde se encontra o emprego; o número de imóveis é insuficiente, com isso, os proprietários constroem pequenos cubículos para aluguel ou transformem casas comuns em casas de cômodos - “cortiços”, oportunizando uma concentração de misérias e de condições habitacionais precárias e anti-higiênicas, o que favorecerá o surgimento de surtos e epidemias.

O corolário desta reestruturação urbana é a demolição de uma enorme quantidade de imóveis situados no centro da cidade, justamente onde devem e podem habitar os trabalhadores. Temos aí a primeira causa da crise de moradias: a combinação de um rápido crescimento da população urbana associada a destruição de imóveis do parque imobiliário existente, criando-se assim, uma situação de penúria aguda de moradias. Nesta conjuntura, a penúria deve existir até o momento que passe a ser rentável o investimento imobiliário.

Engels sugere que o desinteresse dos capitalistas em resolver o problema habitacional prende-se a uma estratégia para manter a classe operária pressionada pela necessidade constante de vender sua força de trabalho e, ao mesmo tempo, dependente de iniciativas patronais em matéria habitacional.

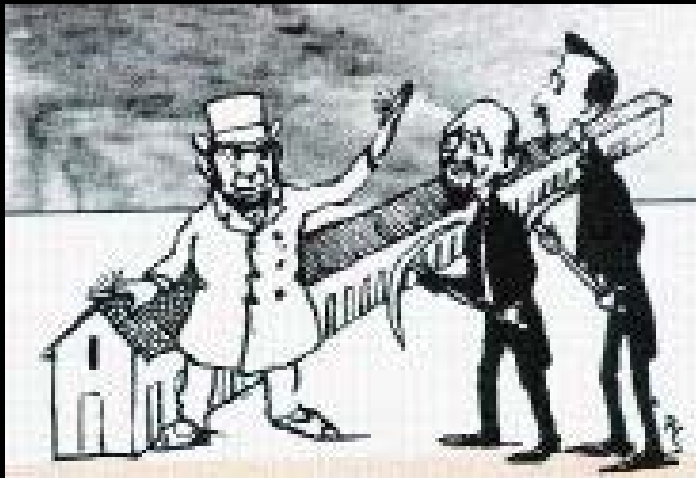
Com a proliferação dos cortiços e as condições precárias de moradias afetando a saúde pública, tornando as cidades insalubres, os governantes tentam extinguir os cortiços e substituí-los por conjuntos habitacionais higiênicos. (ex: BNH)

Mas esse ramo de produção encontrou vários obstáculos, como: subordinação a renda e ao lucro; terrenos com características de construtibilidade; terrenos com áreas grandes, e isso ficava longe da produção industrial; etc... e o custo para o trabalhador adquirir o imóvel.

A escassez de habitações novamente forçava uma subida dos aluguéis tornando as áreas centrais cada vez mais proibidas às camadas populares.

A destruição das habitações coletiva (cortiços) sucedeu a favelização dos morros do centro da cidade, completada por um processo de sub-urbanização da população mais carente. Assim como as habitações coletivas, as favelas só se tornarão uma preocupação para as autoridades quando os problemas aí acumulados ultrapassarem suas fronteiras, quando a relação custo-benefício se inverterem. Mesmo assim, tal intervenção terá mais um caráter paliativo do que uma solução para o problema, na medida que o Estado procura apenas compatibilizar as necessidades da população com os interesses da classe dominante, como a compatibilidade de interesses é contraditória, os interesses a serem preservados serão os do capital, deixando ao trabalho o legado de exploração e miséria.

Cortiços



Febre amarela
Sub-condições de moradia

CONTEXTO ATUAL

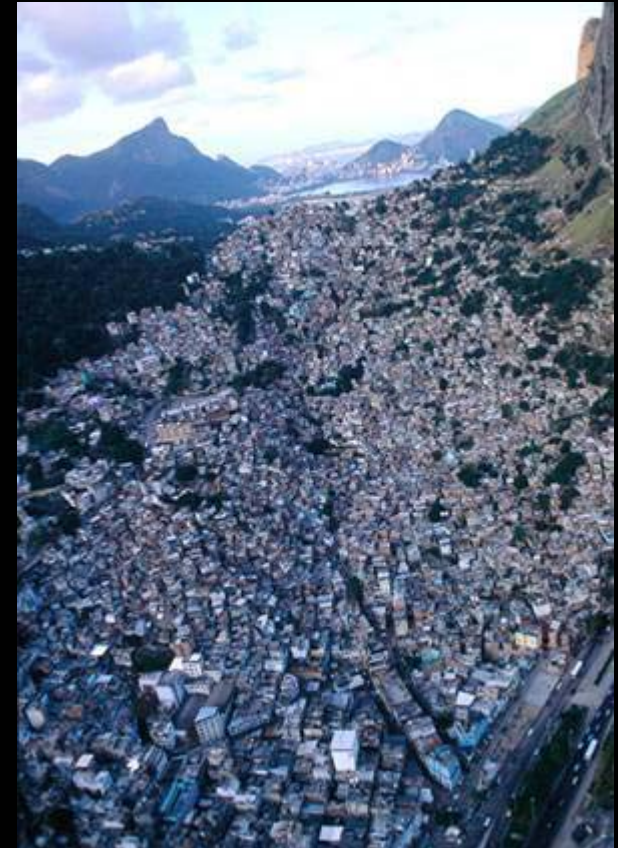
Florianópolis Via Expressa



www.an.com.br/ancapital/1999/jul/13/

Rio de Janeiro

www.vivafavela.com.br



Rocinha

CONTEXTO ATUAL

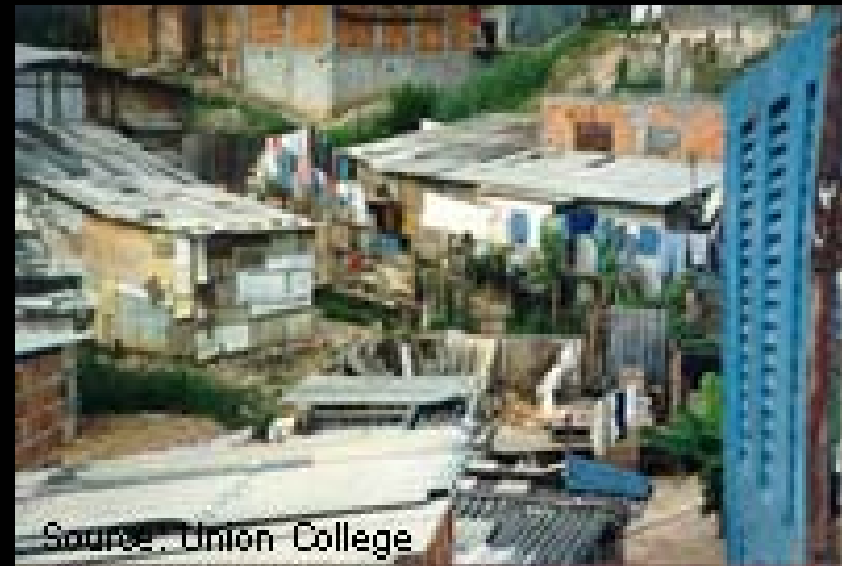
Florianópolis

Caíera do Saco dos Limões



www.an.com.br/ancapital/1999/jul/13/

Rio de Janeiro



Source: Union College

CONTEXTO ATUAL Florianópolis

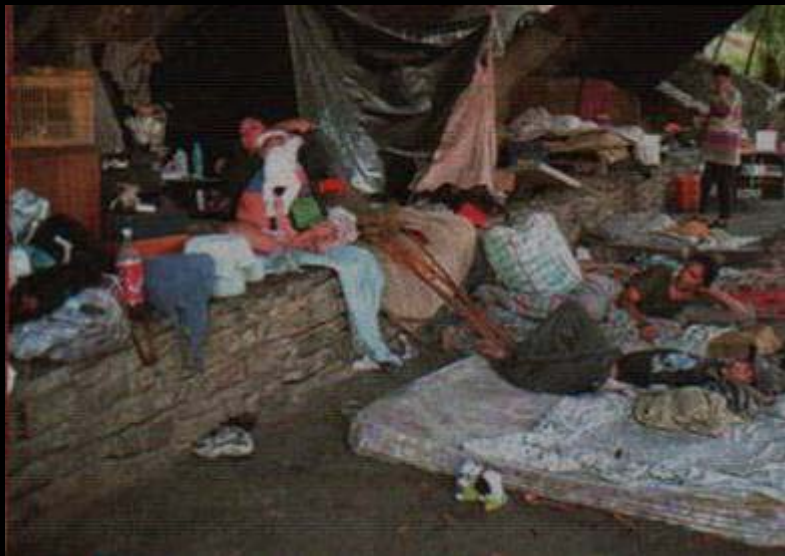


www.an.com.br/ancapital/1999/jul/13/



CONTEXTO ATUAL

Caracas - Venezuela



A Influência da dinâmica do Mercado na distribuição de riqueza estabelece padrões de consumo habitacional

Olhar para a Encosta



www.an.com.br/ancapital/1999/jul/13/

Olhar da Encosta



Indicações para leitura

- “A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra”(Afrontamento,Porto,1975)
- “A Questão de Moradia”(Obras Escolhida de Marx e Engels, Ed. Sociais,São Paulo,1976)
- “Análise do Ciclo de Reprodução do Capital Investido na Produção da Indústria da Construção Civil”, por Christian Topalov e “ Marxismo e Urbanismo Capitalista”, organizado por Reginaldo Forti (Livaria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979)
- “ O Trabalho, o Capital e o Conflito em torno do Ambiente Construído nas Sociedades Capitalistas Avançadas”, por David Harvey (Revista Espaço e Debates,nº 6.Cortez Editora e Livraria Ltda, São Paulo, 1982)
- “A Produção Capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil Industrial” , por Emíla Maricato(Ed. Alfa-Omega, São Paulo,1979)
- “ Habitação em Questão”, organizada por Lícia de Prado Valladares(Zahar Editores, Rio de Janeiro,1979)
- “ Tópicos sobre o Uso do Solo Urbano”, organizado por L. A. Machado da Silva (Zahar Editores, Rio de Janeiro,1983)
- “ Repensando a Habitação no Brasil”, organizada por Lícia de Prado Valladares(Zahar Editores, Rio de Janeiro,1983)

Referências Bibliográficas

RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz e Robert M. Pechman. São Paulo: Editora Brasiliense. São Paulo, 1983
Revista Manchete. Rio de Janeiro: Edições Bloch. julho, 1969

www.harunyahya.org/.../komunizmpusuda1.html

www.an.com.br/ancapital/1999/jul/13/

idol.union.edu/~micklasc/Brazil/Home%20Again.htm

www.vivafavela.com.br